



Currículos de Matemática, Subalternidades e uma disciplina de pós-graduação: narrativas de um pesquisador em movimento

**Mathematics Curricula, Subalternities, and a Graduate Course:
Narratives of a Researcher in Motion**

Agnaldo da Conceição Esquincalha ^[1]

Resumo: O texto apresenta narrativas de um pesquisador em movimento, articulando experiências no 6º Fórum Nacional sobre Currículos de Matemática, na criação da Rede de Pesquisa Subalternidades em Educação Matemática e da disciplina Subalternidades, Currículos e Insubordinações Criativas em Educação Matemática. As reflexões atravessam dimensões pessoais, políticas e epistemológicas que tensionam a Matemática hegemônica e a Educação Matemática, compreendendo o currículo como território de disputa e de possibilidades de emancipação. O texto valoriza a escuta das vozes subalternizadas e das produções culturais periféricas como fundamentos para práticas docentes mais justas e inclusivas. Propõe, assim, pensar currículos insurgentes e ações pedagógicas que favoreçam o “ser mais” freireano, estimulando a circulação de saberes plurais em espaços de formação e pesquisa.

Palavras-chave: Subalternidades. Currículos de Matemática. Insubordinações criativas. Narrativas de si. Território de disputa.

1. O movimento, o contexto da escrita e as memórias de um pertencimento coletivo

Com este texto eu quero partilhar uma experiência importante para mim, tanto acadêmica quanto pessoal. No início de fevereiro de 2024, o professor Flavio Augusto Leite Taveira me convidou para compor um painel no 6º Fórum Nacional sobre Currículos de Matemática, organizado pelo Grupo de Trabalho (GT) nº 3 da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), Currículo e Educação Matemática, que aconteceria entre 09 e 11 de outubro daquele ano, em Montes Claros, Minas Gerais. O título do painel era “O currículo de matemática para pessoas historicamente marginalizadas no contexto escolar”, e meus companheiros seriam os amigos super queridos e pesquisadores admirados Edmar Reis Thiengo, do Instituto Federal do Espírito Santo e Elenilton Vieira Godoy, da Universidade Federal do Paraná. Eu agradei e, muito ousado, aceitei o convite ponderando: “mas não sei nada de currículo, vou passar vergonha e culpar você”. Flavio e eu rimos porque isso não era totalmente verdade, mas eu ri tenso, porque de fato não sou um pesquisador da área. Me deu um medinho, sabe? Eu acho as pessoas pesquisadoras do currículo muito densas e me acho



muito raso (Sim, vivo uma luta permanente com a síndrome do impostor e com o estresse de minoria.), mas me lembrei da Conceição Evaristo em seu livro *Olhos d'água*: “É como se o medo fosse uma coragem ao contrário” (2016, p. 62). Esse convite, ao mesmo tempo desafiador e inspirador, abriu caminho para novas experiências e encontros que viriam a se tornar parte constitutiva do movimento que este texto busca narrar.

Em julho o Elenilton criou um grupo no WhatsApp para discutirmos sobre o painel. Lembrou que Ana Lúcia Manrique, Clélia Maria Ignatius Nogueira, Thiengo e eu havíamos organizado, em 2023, um dossiê temático para a revista *Educação Matemática Pesquisa*, intitulado “Educação Matemática de pessoas historicamente marginalizadas no contexto escolar”, e que gostaria – como representante do GT 3 no painel e membro da Comissão Organizadora –, que explorássemos este dossiê e trouxéssemos outros elementos que julgássemos importantes. Ali fiquei mais tranquilo. Fizemos inúmeras tentativas de reunião, mas as agendas nunca batiam... acho que conseguimos realizar uma reunião pelo Google Meet, mas não definimos muita coisa, e as decisões sobre a mesa ficaram para uma reunião presencial no próprio evento, na véspera. Reunião em que eu cheguei atrasado e matei metade por encontrar a Carolina Tamayo-Osório no saguão do hotel e ficar muito empolgado por estar com ela. Aliás, com o anúncio da programação eu fiquei muito feliz por ter sido convidado para o evento, porque as pessoas convidadas, de modo geral, eram muito admiradas por mim e eu desejava muito me aproximar e conhecê-las melhor.

2. Subalternidades e Currículos em disputa

Na reunião decidimos fazer diferente do que havíamos conversado em encontros anteriores. Quando o auditório já estivesse cheio, sem qualquer apresentação, eu abriria o painel lendo o poema “Os ninguéns”, de Eduardo Galeano¹, jornalista uruguaio considerado um dos principais expoentes do antiamericanismo e anticapitalismo na América Latina no Século XX.

As pulgas sonham com comprar um cão,
e os ninguéns com deixar a pobreza,
que em algum dia mágico a sorte chova de repente,
que chova a boa sorte a cântaros;
mas a boa sorte não chove ontem,

¹ Para dar visibilidade às pessoas autoras, e não reforçar uma ideia patriarcal de valorizar apenas o último sobrenome – tipicamente do pai, no Brasil – optamos por apresentá-las com seu nome completo nas citações.



nem hoje, nem amanhã, nem nunca,
nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte,
por mais que os ninguéns a chamem
e mesmo que a mão esquerda coce,
ou se levantem com o pé direito,
ou comecem o ano mudando de vassoura.
Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.
Os ninguéns: os nenhuns,
correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:
Que não são, embora sejam.
Que não falam idiomas, falam dialetos.
Que não praticam religiões, praticam superstições.
Que não fazem arte, fazem artesanato.
Que não são seres humanos, são recursos humanos.
Que não tem cultura, têm folclore.
Que não têm cara, têm braços.
Que não têm nome, têm número.
Que não aparecem na história universal,
aparecem nas páginas policiais da
imprensa local.
Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.
(Galeano, 2019, p. 71)

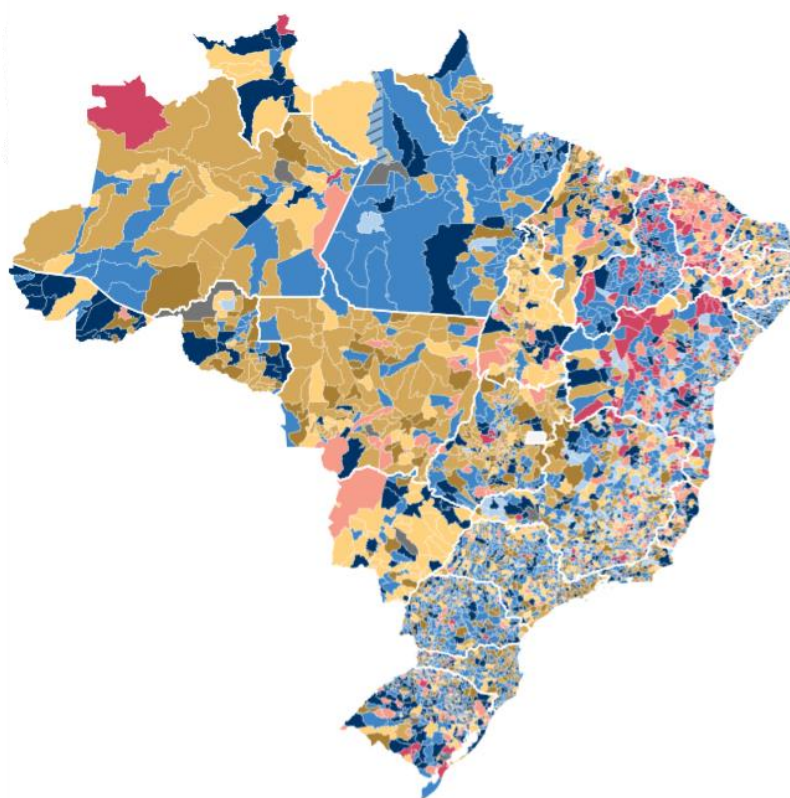
A leitura abrupta, não avisada, chamou a atenção da qualificada plateia. Após minha leitura, Elenilton assumiu a fala, lendo os trechos iniciais de “O coração da escola... Um território em disputa”, capítulo introdutório de “Currículos. Teorias e políticas”, de Marlucy Alves Paraíso, lançado em 2023.

O currículo – entendido como um conjunto de aprendizagens oportunizadas no ambiente escolar – é o coração da escola. É ele que faz a escola pulsar, sonhar, desejar, planejar, discutir, disputar, lutar, fazer alianças, decidir, conquistar, ensinar, possibilitar o aprender. Ele é determinante para a escola se movimentar, acontecer, existir, e é fundamental para a sociedade que se deseja construir. Não há escola sem currículo. É muito difícil construir uma sociedade desejada sem um currículo adequado para essa construção. Por isso, podemos dizer que um currículo é também um projeto de sociedade. Por ser o coração da escola e representar um projeto de sociedade, o currículo é sempre um território disputado. Não há consenso e, torno de quais conhecimentos devem ser ensinados, de que sujeito se quer produzir ou formar e nem sobre quais elementos das culturas é preciso preservar e valorizar. (p. 7)

Se Galeano denuncia o apagamento dos ninguéns, Paraíso convoca a repensar o currículo como espaço onde essas presenças podem ser reconhecidas e politizadas.



Elenilton, mm seguida, indagou: “Pensando nesse projeto de sociedade: O currículo compreende / entende / atende os corpos dessas pessoas historicamente marginalizadas que figuram no título da mesa?”, e apresentou o mapa de apuração dos partidos políticos que elegeram prefeitas/es/os nas cidades do Brasil em 2024, no primeiro turno, com maioria esmagadora da centro-direita à extrema-direita saindo vencedora nas urnas, como se vê a seguir. Isso foi ampliado no segundo turno.



As posições dos partidos foram calculadas a partir de sete quesitos: votação dos deputados da legenda na Câmara, coligações, autodeclaração dos congressistas, frentes parlamentares, opinião de especialistas, migração partidária e posicionamento no GPS Ideológico da Folha

Fonte: <https://arte.folha.uol.com.br/poder/eleicoes/2024/veja-o-mapa-de-apuracao-de-todas-as-cidades-do-brasil/resultado-final/brasil/>. Acesso em 08 de outubro de 2024.

Após a exibição do mapa, duas novas indagações: “Como esses resultados impactam nacional, regional e localmente as políticas curriculares?” e “Agnaldo, Thiengo como vocês



têm se constituído e que histórias lhes movimentam como pessoas que mobilizam pesquisas no campo área da Educação Matemática? Isso afeta vocês?”.

A partir da segunda indagação eu me apresentei a partir dos marcadores sociais da diferença que me subalternizam, de maneira interseccional, como a criação em um bairro perigoso na periferia de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ), a homossexualidade, o corpo obeso, a neuroatipia com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), destacando a importância da consciência de onde viemos, quem somos e que espaços ocupamos, sem esquecer dos privilégios que me são dados como um homem cis branco, hoje, de classe média. Fiz uma discussão sobre pessoas historicamente marginalizadas no contexto escolar, trazendo como exemplos as pessoas com deficiência, imigrantes, pessoas LGBTI+, pessoas idosas, pessoas refugiadas, pessoas pertencentes grupos étnico-raciais não hegemônicos como indígenas e negras, pessoas privadas de liberdade, mulheres, povos do campo, remanescentes quilombolas, população ribeirinha, povos originários, pessoas em situação de rua em alta vulnerabilidade sociais etc. Em seguida destaquei a importância de discutirmos sobre equidade, políticas de acesso e de permanência com êxito dessas pessoas nos espaços educacionais, assim como a necessidade de políticas de inserção e acompanhamento dessas pessoas nos primeiros anos no mercado de trabalho. Avancei com uma discussão sobre como a Educação Matemática tem se mobilizado diante de grupos subalternizados/subordinados, e trouxe a chamada virada sociopolítica, a partir de Rochelle Gutiérrez (2013).

Eu defendo que é a partir da visão de pessoas e comunidades subordinadas que aprenderemos como repensar a educação matemática” (p. 39, tradução nossa).

Eu uso o termo virada sociopolítica para me referir a um corpo crescente de pesquisadoras/ies/es e profissionais que busca colocar o político em primeiro plano e se envolver nas tensões que cercam esse trabalho. A virada sociopolítica sinaliza a mudança nas perspectivas teóricas que veem o conhecimento, o poder e a[s] identidade[s] como entrelaçados e decorrentes (e constituídos dentro) dos discursos sociais.” (p. 40, tradução/adaptação nossa).

Reforcei a importância de nos preocuparmos com pessoas e grupos subalternizados em nossas práticas e em nossas pesquisas em Educação Matemática, deixando explícito que quem



somos importa em nossa relação com matemática, e que na verdade estamos falando de identidade(s) e de diferença(s), de "corpos no mundo" e suas interseccionalidades, de poder e de (educações) matemáticas, e que isso é o coração do que fazemos e precisa ter a merecida atenção, porque antes de ensinarmos Matemática, estamos lidando com pessoas e conhecê-las é fundamental se quisermos realmente mediar seu processo de aprendizagem matemática (e) para a vida. Depois eu destaquei alguns grupos de pesquisa que tem, de alguma forma, se (pre)ocupado com pessoas e grupos subalternizados, convocando-os para uma rede, como sugere Gutiérrez.

Em seguida eu questionei à plateia “Como vocês têm mobilizado suas pesquisas e práticas em relação às pessoas historicamente marginalizadas?” e encerrei provocando “Os grupos já existem, as articulações com as teorias de currículos estão postas há anos, basta se importar e se mexer 😊”, e deixei como sugestão de leitura os livros “Documentos de Identidade. Um introdução às teorias de currículo”, de Tomaz Tadeu da Silva, e o já citado “Currículos. Teorias e políticas”, de Marlucy Alves Paraíso.

Após, Thiengo fez uma apresentação emocionante, trazendo sua história, seus processos de subalternizam impostos pelas normas sociais, e apresentou movimentos de pesquisa do GT 13 da SBEM – Diferença, Inclusão e Educação Matemática, do qual ele e eu somos membros. Por fim, Elenilton mediou um momento de interação, no qual, ao apontar a câmera do telefone celular para um QR code, cada pessoa da plateia deveria escolher em uma escala de um (discordo totalmente) até cinco (concordo totalmente) sua posição diante das afirmações “Quem eu sou impacta em como me relaciono com matemática”, “A minha aula de matemática apaga os corpos petentes aos grupos historicamente marginalizados” e “O material curricular livro didático atua na contramão do que eu entendo como projeto de sociedade”. Tivemos um ótimo momento de interação com a plateia, o painel foi encerrado, mas o convite para que grupos compusessem uma rede de pesquisa ficou no ar.

3. Narrativas de si e a formação docente: denúncias, anúncios e esperança

Além desse painel, o evento teve outros quatro “Reconstrução nacional e justiça social: o papel da Educação Matemática”, “Questão de Gênero e Educação Matemática: implicações para o debate curricular”, “Políticas públicas educacionais do ponto de vista da Educação



Matemática: a reforma do Ensino Médio” e “Decolonialidade e Educação Matemática: implicações e perspectivas para o campo do currículo”. Esses painéis mobilizaram várias pessoas pesquisadoras, dentre as quais, algumas (quase-)viraram as noites do evento no saguão do hotel, confraternizando estabelecendo e fortalecendo laços, se (re)conhecendo e aos seus valores pessoais e interesses de pesquisa, e ali, de modo muito informal, constitui-se a Rede de Pesquisa Subalternidades em Educação Matemática, envolvendo os grupos [MatematiQueer/UFRJ](#), [inSURgir/UFGM](#), [LaPraME/UFRJ](#), [DEVIRes/IFES](#), [GEPAC/USP](#), [Gecudedis/UFPR](#), [Nipac/Unesp](#), [NIEMS/UFMS](#) e o [Grupo de Pesquisa em Matemática e Educação Matemática/IFGoiano](#).

Criamos um grupo no WhatsApp e nos reunimos (quase-)semanalmente até o fim de 2024. Com as férias e as responsabilidades do novo ano acabamos suspendendo as reuniões, mas não a ideia de um evento anual para estamos novamente juntas/es/os e com nossos grupos. Eu propus a ideia de sediar o evento, que seria originalmente em maio, mas acabou ficando para novembro, com a Carol Tamayo-Osório como parceira na organização. Conteí toda essa história porque entendo que os registros são importantes, tanto dessas memórias que são individuais, mas coletivas, da Rede, quanto para dizer que me senti de fato em rede ao longo desse ano: em diferentes eventos pude estar individualmente ou em grupo com todas as dez pessoas que participam do grupo de WhatsApp e mobilizam a Rede, pude aprofundar laços de amizade, pude trabalhar junto e pude fazer planos junto. A constituição da Rede foi muito importante, me senti mais forte e mais seguro para seguir, e ampliei meus interesses de pesquisa. A vivência coletiva da Rede fortaleceu não apenas vínculos pessoais, mas também o desejo de ampliar a reflexão teórica. Desse impulso nasceu a proposta de uma disciplina que reunisse estudo, afeto e criação.

4. A disciplina como espaço de criação e estudo: insubordinações criativas em movimento

Quando eu quero estudar algo, crio uma disciplina para o mestrado/doutorado. Infelizmente a sobrecarga de trabalho não deixa muito tempo livre para estudar e, além disso, estudo junto é mais gostoso, principalmente pela chance de conhecer outras interpretações. Abri inscrição para a disciplina “Subalternidades, Currículos e Insubordinações Criativas em



Educação Matemática” e a disponibilizei para estudantes de mestrado e de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), e para pessoas externas a esses programas, mas interessadas na disciplina. Recebi inscrição de 60 pessoas, incluindo estudantes de Licenciatura, docentes de Matemática na Educação Básica e Superior, além de estudantes regulares dos programas citados. Pessoas do Nordeste, do Sudeste e do Sul do Brasil. Como eu gosto que todas as pessoas falem durante as aulas, preferi abrir, então, duas turmas, com encontros de três horas semanais cada e com transmissão ao vivo pela internet, para estudantes do IFES e outras pessoas que não estavam no Rio de Janeiro. Me surpreendi com a alta procura, que só foi inferior a quando abri pela primeira vez a disciplina Estudos de Gênero em Educação Matemática, certamente pela demanda reprimida de estudos pós-graduados na área.

Como em todas as disciplinas de pós-graduação e algumas da graduação, eu faço um planejamento inicial e no primeiro dia de encontro eu discuto e modifico a partir das demandas e interesses das turmas. Para além disso, no primeiro encontro das turmas eu pedi que apresentassem breves narrativas de si, a partir de como se enxergam e como estavam se sentindo naquele momento, partilhando angústias e denúncias, e prospectando esperanças e anúncios de vida.

Expliquei narrativas de si a partir da ideia de narrar envolvendo exercícios éticos de cuidado e de constituição de si, entendendo que narrar-se, é também trabalhar sobre si, selecionar o que expor ou silenciar, negociar anonimizações e pactos de leitura/fala, dimensionando responsabilidades diante de pessoas, grupos e memórias mobilizadas no texto (Michel Foucault, 2004). No campo metodológico, tenho orientado pesquisas (com) narrativas, entendendo que oferecem um enquadre para acompanhar histórias ao longo do tempo, preservando sua temporalidade, as condições de produção e os vínculos entre experiência, linguagem e saberes profissionais, o que a torna especialmente fértil na Educação Matemática para visibilizar trajetórias, marcadores sociais da diferença e escolhas curriculares que atravessam produzir, ensinar e aprender matemática, com potenciais efeitos formativos para docentes e estudantes ao produzir compreensão situada e transformadora do próprio fazer pedagógico (Jean D. Clandinin; Michel F. Connelly, 2011).



Claro que eu não esperava algo denso nessas brevíssimas narrativas, mas entendo que falar de si é narrar-se, e mesmo de modo improvisado, permite uma visita às memórias e a sentimentos antigos e latentes e há sim uma escolha do que partilhar. De modo imbricado a essa apresentação, as pessoas deveriam compartilhar angústias que estivessem sentindo, em qualquer campo da vida, em particular o profissional, e pensar na disciplina como um espaço potente para desfazê-las a ponto de prospectar esperanças de vida. Pode uma disciplina nos transformar assim? Uma disciplina eu não sei, a rigor, não sei, mas encontros podem ser sempre transformadores, e me interessava que nossos encontros fossem assim. As narrativas de si, mesmo quando breves e improvisadas, evidenciaram o quanto o autoconhecimento e a escuta coletiva podem se tornar exercícios de emancipação. Para sustentar pedagogicamente essa prática, recorri às ideias freireanas de denúncia e anúncio, que articulam crítica e esperança como forças inseparáveis.

Paulo Freire (2014, 2015) e suas ideias de denúncia e anúncio: “Não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado” (2014, p. 46), “Para mim, ao repensar nos dados concretos da realidade, sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica a denúncia de como estamos vivendo e o anúncio de como poderíamos viver.” (2014, p. 54), “Reinsisto em não ser possível anúncio sem denúncia e ambos sem o ensaio de uma certa posição em face do que está ou vem sendo o ser humano” (2015, p. 54). Embora lá, na hora, eu não tenha apresentado esses excertos, destaquei o que seria denúncia e o que seria anúncio nessa perspectiva freireana e fizemos, em conjunto, em cada turma, um exercício muito interessante, que não vou contar aqui.

Para encerrar esta seção destaco os temas condutores da disciplina, sem detalhes sobre como foram as discussões. Começamos estudando Currículos a partir de Tomaz Tadeu da Silva (2014, 2016) e Marlucy Alves Paraíso (2023) e seguimos para Subalternidades, com o texto clássico de Gayatri Chakravorty Spivak (2010). Reflexões a partir dessas leituras foram feitas, retomadas e aprofundados ao longo do semestre, à medida em que dialogavam diretamente com outros temas que foram trazidos. As Insubordinações Criativas também apareciam ao longo da disciplina como forma de operacionalizar as esperanças e os anúncios de vida, com Rochelle Gutiérrez (2015, 2016) e com Beatriz Silva D’Ambrosio e Celi Espasandin Lopes



(2015); como Branquitude e Masculinidade Hegemônica como sistemas de opressão social, com Lourenço Cardoso (2010) e Raewyn W. Connel (2008), respectivamente; Interseccionalidades, a partir dos livros de Patricia Hill Collins (2021, 2022, 2024); Virada Sociopolítica da Educação Matemática com Rochelle Gutiérrez (2013); Leitura e Escrita do Mundo com Matemática com Eric Gutstein (2006); Teatro do Oprimido com Augusto Boal (2008, 2009). As leituras que sustentaram a disciplina não foram apenas referenciais teóricos, mas convites à ação. Elas se entrelaçaram com práticas de sala de aula, discussões sobre currículo e debates identitários, compondo um mosaico de saberes insurgentes.

5. Ser mais e com mais gente

*Trago movimento, tiro tudo do lugar
Arrasta pra lá, arrasta pra cá
Trago movimento pra energia circular
Arrasta pra lá, arrasta pra cá
Eu agradeço a memorabilia do tempo
Percebendo meus apegos, espano a poeira no ar
Eu organizo as coisas do meu quartinho
Abro mão desse passado pra energia circular*

Francisco, el Hombre, Arrasta, 2021

[!\[\]\(4cafc60cd39da821525d7c6589540296_img.jpg\) Ouça Francisco, el Hombre](#)

Chegamos ao fim com a mesma palavra de ordem que nos acompanhou: movimento. Encerrar, aqui, não é fechar, é arrastar para lá e para cá o que fomos acumulando, abrir espaço para a energia circular entre vozes, dados e cenas de sala de aula, espanar a poeira dos apegos teóricos, reorganizar o quartinho da pesquisa para que sobrem passagens por onde a experiência respire. Ao reconhecer o que serve e o que pesa, abrimos mão de certezas que já não nos ajudam e mantemos o que sustenta práticas de reconhecimento, redistribuição e insubordinações criativas no currículo de Matemática. Este texto acolhe a memorabilia do tempo para transformá-la em balanço crítico, em anúncios de inéditos viáveis e em compromissos concretos. É um convite a levantar do sofá metodológico, a converter diagnóstico em ação, a continuar movendo conceitos, tarefas e relações pedagógicas para que o aprender e o ensinar não parem onde este texto termina.



Não é meu objetivo analisar como foi a disciplina, então não vou trazer dados e contar detalhes (quem sabe em outro texto?!), apenas narrar esse movimento de demanda pessoal-profissional por *aprender mais para ser mais e com mais gente*. “Ser mais”, em Paulo Freire, nomeia a vocação humana à humanização e oferece um critério ético-político para reorganizar Currículos de Matemática quando se quer enfrentar subalternidades: em lugar de um percurso prescritivo que naturaliza desigualdades, propõe-se uma arquitetura didática que reconhece sujeitos concretos, lê criticamente as condições que os oprimem e cria situações de aprendizagem nas quais a palavra, o número e o dado se tornam instrumentos de leitura e de transformação do mundo.

Nesse sentido, práticas de insubordinação criativa passam a operar como mediações curriculares que rompem silenciamentos, ampliam a voz estudantil e vinculam conteúdos a problemas reais, articulando investigação, argumentação e tomada de decisão informada. Dessa forma, a docência assume a tarefa de cultivar consciência crítica sobre como estatísticas, modelos e classificações participam da produção de injustiças e, simultaneamente, de anunciar inéditos-viáveis pelas coautorias docentes, pelas coautorias docentes-discentes, pela modelagem situada e pela análise de dados com perspectiva de justiça social, de modo que aprender Matemática seja também uma experiência de passagem do ser menos imposto ao ser mais conquistado por diálogo, rigor e esperança ativa (Freire, 2014; 2018; 2021).

Finalizo reconhecendo que os movimentos aqui narrados não se concluem na escrita, mas seguem pulsando nas redes, nas salas de aula e nas coletividades que ousam desobedecer à neutralidade da Matemática. As experiências partilhadas reiteram a urgência de currículos que abracem diferenças e promovam práticas de justiça social. Que o trabalho docente, guiado por insubordinações criativas e pela escuta sensível dos territórios e corpos que ensinam e aprendem, continue fazendo circular energia, afetos e pensamento crítico. Encerrar esse percurso é reconhecer que o movimento continua: o que se iniciou como busca individual transformou-se em prática coletiva e ética, que permanece circulando em rede.

Referências

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.



BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco antirracista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 8, n. 1, p. 607–630, 2010.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. *Intersecções letais: raça, gênero e violência*. São Paulo: Boitempo, 2024.

CONNELL, Raewyn W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 2017.

D'AMBROSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasandin. Insubordinação criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, Rio Claro, v. 29, n. 51, p. 1–17, 2015.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 146-162.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2019.

GUTIÉRREZ, Rochelle. Risky business: mathematics teachers using creative insubordination. In: *Proceedings of the 37th Annual Meeting of the North American Chapter*



of the International Group for the Psychology of Mathematics Education (PME-NA), East Lansing, MI. East Lansing: Michigan State University, 2015. p. 946-953.

GUTIÉRREZ, Rochelle. Strategies for creative insubordination in mathematics teaching. *Teaching for Excellence and Equity in Mathematics*, v. 7, n. 1, p. 52-60, 2016.

GUTIÉRREZ, Rochelle. The sociopolitical turn in mathematics education. *Journal for Research in Mathematics Education*, v. 44, n. 1, p. 37-68, 2013.

GUTSTEIN, Eric. *Reading and Writing the World with Mathematics: Toward a Pedagogy for Social Justice*. New York: Routledge, 2006.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Currículos: teorias e políticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

^[1] Universidade Federal do Rio de Janeiro • Rio de Janeiro, RJ — Brasil • agnaldo@im.ufrj.br • ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5543-6627>